

Empresários acham congelamento perigoso e descartam pacto

Os empresários entendem que um novo congelamento de preços e salários, mesmo com data de começo e fim, é perigoso e difícil de ser articulado. Especialmente através de um pacto social. E o motivo fica claro nas palavras do empresário Cláudio Regina, presidente do Simfre (Sindicato da Indústria de Materiais e Equipamentos Ferroviários e Rodoviários).

"Sou um homem realista que não deve ser chamado de pessimista. Mas para mim quando se fala de pacto, sentam à mesma mesa empresários, trabalhadores e governo. Interessa ao empresário o pacto que garanta o seu futuro e que não prejudique seu negócio; interessa ao trabalhador o pacto que dê garantia de cada vez ganhar mais sem tocar em todas as vantagens que já obteve, e interessa ao governo assistir a essa briga entre empresário e empregado, sem que ele participe. E assim nunca haverá pacto social no Brasil. Será preciso que a situação chegue a um ponto tão grave e tão negro, em que todos estejam vendo à sua frente o abismo, para que alguém renuncie a, pelo menos, uma parte de seus interesses."

Kirkios Mikaelian, presidente da Fundação Mic Sa, observa que com ou sem pacto, ao "simplesmente se falar" em congelamento, os preços saltam e a especulação se torna incontrollável.

O presidente da Anodil, Raimundo Fernandes da Silva, observa que o congelamento com data marcada, no mínimo, pode causar um represamento dos estoques, "enquanto se aguardam os novos preços pós-congelados". Para ele, essa situação dificilmente vai-se alterar com o pacto e os setores com menos poder de pressão com menor resistência financeira, serão os mais prejudicados. Ele se refere às pequenas e médias empresas.

Outros empresários preferem ainda evitar o assunto e especialmente porque acham que o governo vai tentar "um pacto que ninguém achou até agora". Mikaelian salienta que existem, num pacto, muitos interesses em jogo. "E, se não existe acordo nem entre os políticos que se propõem a levar à frente esse pacto, como querer que a Nação toda acredite e entre nisso?", indagou o empresário. "Porque estamos todos sufocados a esta altura do jogo e ninguém mais está disposto a fazer concessões", concluiu outro industrial.